



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

EIXO TEMÁTICO: Currículo, Metodologia e Práticas de Ensino

FORMA DE APRESENTAÇÃO: Relato de Vivência

PRODUÇÃO DE NARRATIVAS COLETIVAS EM UMA PERSPECTIVA CTSA

Fernanda Franzoni Pescumo¹

Isabella Consentino²

Bruno Murilo Oliveira da Silva³

Jason Ferreira de Souza⁴

Resumo

A imaginação na educação de crianças tem um grande impacto na sua aprendizagem mas, apesar disso, há práticas muito comuns na educação básica que separam esse momento criativo das aulas científicas. É preciso acabar com essa dicotomia. A partir de criação de narrativas coletivas, é possível abordar temas científicos, em uma perspectiva CTSA, utilizando a imaginação para a construção ativa desse conhecimento. Nosso objetivo nesse trabalho é relatar uma vivência de aplicação de uma proposta de narrativa coletiva. A atividade foi realizada com crianças do quarto ano do Ensino Fundamental, na qual desenvolvemos uma história coletiva na sala envolvendo o ciclo de vida do papel. A partir de diferentes atividades as crianças puderam reconstruir uma narrativa com criatividade e confrontando aspectos ambientais que envolvem a problematização de seus hábitos de consumo. Observamos que as crianças já tinham alguns conhecimentos sobre a produção de papel, mas coletivamente e com a mediação dos alunos extensionistas, foi possível mobilizar e sistematizar esses conhecimentos.

Palavras Chave: Imaginação – CTSA – narrativa – ensino de ciências

INTRODUÇÃO

O ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental tem uma importância fundamental para o desenvolvimento de cidadãos críticos. A sociedade atual enfrenta vários problemas sociais e ambientais. Assim, a partir da década de 1970,

¹ Prof. do IFSP – Campus São João da Boa Vista, Av Marginal, 585 - Fazenda Nossa Senhora Aparecida do Jaguari, São João da Boa Vista - SP, 13871-298, fpescumo@gmail.com

² Aluna secundarista Curso Técnico Integrado em Informática pelo IFSP - Campus São João da Boa Vista, Av Marginal, 585 - Fazenda Nossa Senhora Aparecida do Jaguari, São João da Boa Vista - SP, 13871-298, isa_cons123@hotmail.com

³ Licenciando em Química pelo IFSP - Campus São João da Boa Vista, Av Marginal, 585 - Fazenda Nossa Senhora Aparecida do Jaguari, São João da Boa Vista - SP, 13871-298, brunomrl9@gmail.com

⁴ Licenciando em Química pelo IFSP - Campus São João da Boa Vista, Av Marginal, 585 - Fazenda Nossa Senhora Aparecida do Jaguari, São João da Boa Vista - SP, 13871-298, jasonfs13@outlook.com



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

os temas de ciência tecnologia e sociedade têm sido incluídos em currículos de ciências. A emergência de questões ambientais também foi colocada por alguns autores que tentam resgatar a importância da educação ambiental em uma perspectiva crítica de ensino, sendo esses conteúdos denominados Ciência- Tecnologia – Sociedade – Ambiente (CTSA) (SANTOS, 2007).

Apesar da importância de uma perspectiva crítica, muitas vezes os conhecimentos de ciências são trabalhados em uma perspectiva tradicional, sem participação ativa dos alunos. Essa concepção simplista, estática foi considerada por alguns autores como um dos desafios a serem superados no ensino de ciências (DELIZOICOV et Al, 2011; CARVALHO & GIL-PÉREZ, 2011).

Para trabalharmos uma ciência nas escolas em que os alunos participem e se envolvam, a atividade imaginativa é uma das habilidades fundamentais (PIETRICOLA, 2004). A construção de narrativas nesse sentido, pode ser uma estratégia didática importante para que crianças tenham papel ativo na sua aprendizagem.

METODOLOGIA

A proposta foi realizada no âmbito do Projeto de Extensão “educação ambiental – conhecer para proteger”, do IFSP – campus São João da Boa Vista, com 63 alunos de três turmas de quarto ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal, durante um mês. As oficinas foram aplicadas pelos alunos bolsistas da extensão, que eram os monitores desse projeto.

Para introduzirmos o tema, foi solicitado com um mês de antecedência o recolhimento dos papéis descartados no lixo da sala. Após esse tempo, os monitores debateram com a sala a questão da produção de papel na turma, formas de se diminuir essa produção. Propusemos aos alunos a produção de um monstro do papel com todo o papel acumulado. Ao final, a turma deu um nome para o seu monstro.

Na segunda atividade, pedimos aos alunos que contassem a história do seu monstro. A história foi mediada, de forma que os alunos fossem narrando a vida do monstro desde a sua origem como matéria-prima, até seu destino final, que no caso foi a reciclagem.

Na terceira atividade, realizamos uma oficina de reciclagem do monstro de papel. Foram confeccionados cartazes em um outro momento a partir desse material reciclado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO (OU OUTRO TÓPICO)

Todas as turmas participaram ativamente da coleta do papel. Ao solicitarmos a escolha de um nome para o monstro, houve uma votação. Logo após, as crianças produziram o “monstro do papel”, que recebeu um nome em cada turma. A produção do monstro permitiu uma exploração cenográfica do enredo, facilitando às crianças o desenvolvimento da imaginação, intensificando a experiência do olhar (GIRARDELLO, 2011).

Na construção coletiva da narrativa, nossa mediação foi importante para que as crianças contribuíssem com conhecimentos que já traziam sobre o ciclo de vida do papel, conforme vemos no trecho abaixo. As narrativas orais foram transcritas e



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

analisadas. Para facilitar a leitura, contamos os alunos de acordo com o início da participação (A1, A2, A3, etc.) e os alunos extensionistas como M1, M2 e M3:

M1: Aonde estamos, estamos na escola. A vida do lixinho começou aqui? Ou não? De onde surgiu?

A1: Surgiu do lixo.

M2: Do lixo, mas de onde surgiu o papel?

A2: Da árvore

A1: Era uma vez uma árvore, e eles cortaram

A2: O homem foi lá e cortou a árvore

M2: E o que aconteceu depois disso?

A3, A4 e A2: O homem levou pra fábrica

M3: Então levaram pra fábrica....

A1: E fizeram papel

A2: Fizeram papel usando a árvore cortada

M3: Fizeram papel usando o que?

A1: O que tinha dentro da polpa da árvore

A2: O tronco.

A5: A madeira.

M2: Uma coisa que tem dentro da árvore.

M2: Que chama o que?

A3: A celulose

M2: Então vocês me falaram que aquela árvore que o homem foi lá e pegou, ele levou pra fábrica e aí, esse elemento que tinha dentro da árvore ele pegou e fez...

A6 e A2: Papel

M2: então depois que transformou em papel, ele virou

A5: O homem transformou em lixo

M1: Que homem

A1: O que fez o papel.

A2: Não, nós usamos.

A8: E depois criamos o Lixinho.

M2: Isso: Então nós criamos o monstro.

A3: Isso.

No diálogo transcrito acima, é possível perceber a interação das crianças para a formulação da história. A relação do ser humano no ciclo do papel não surge de forma espontânea, é necessária a mediação do bolsista. O Aluno A2 aponta para a participação da turma na produção do monstro e, portanto, do ciclo de vida do papel. Em uma perspectiva CTSA, as questões ambientais estão intrinsecamente relacionadas aos padrões de consumo atuais, insustentáveis para a capacidade de suporte do nosso planeta. Após a primeira parte da história, o monstro foi reciclado.

Ao reciclarmos o papel, continuamos a história com os alunos. Nesse segundo momento, o aluno extensionista questionou o impacto da reciclagem no ciclo de vida do papel, perguntando se a reciclagem acabava com o problema do surgimento do monstro. Essa abordagem é necessária, pois a reciclagem, apesar de minimizar os impactos da ação humana no ambiente, se não for problematizada pode ter um efeito oposto, estimulando o consumo por se tratar de uma atitude “sustentável” (BLAUTH *et al*, 2006).



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade proposta permitiu que os alunos mobilizassem coletivamente saberes científicos na construção da narrativa, relacionando-os a aspectos sociais. A prática envolvida na produção do monstro e na reciclagem foi uma forma direta de participação dos alunos no ciclo de vida desse produto, o que influenciou em suas percepções na última atividade.

Assim, a atividade relatada produziu narrativas condizentes com os objetivos do trabalho.

REFERÊNCIAS

- BLAUTH, P, LEME, PCS & SUDAN, D. Mitos populares pró-lixo. In: CINQUETTI, HCS & LOGAREZZI, A (orgs) **Consumo e Resíduo: fundamentos para o trabalho educativo**, São Carlos, SP: edUFSCar, 2006.
- CARVALHO, AMP, GIL PÉREZ, D. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011
- PIETRICOLA, M. Curiosidade e Imaginação – os caminhos do conhecimento nas Ciências, nas Artes e no Ensino. In: CARVALHO, AMP. **Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática**, São Paulo: Thomsom, 2004.
- SANTOS, WLP. Contextualização no ensino de ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. **Ciência & Ensino**, vol. 1, número especial, novembro de 2007